

Obadyah Alliance

SERMÃO HEROICO

Hakham Daniel Cohen d'Azevedo

Obadyah Alliance

SERMÃO HEROICO

Pregado no Qahal Qadosh de Talmud Torá em Amsterdã no
Shabbath `Eqeb, à hora da oração da tarde,
23 de Menachem de 5569

Hakham Daniel Cohen D'Azevedo

Rabino da sinagoga hispano-portuguesa Talmud Torá, Amsterdã

Prefácio do Hakham Yehonatan Elazar-DeMota

TÍTULO ORIGINAL

Sermão Heroico pregado no K. K. de T.T. em Amsterdam

© Officina Typografica de Belinfante e Comp., Amsterdã, 1809

AUTOR

Daniel Cohen d’Azevedo

ADAPTAÇÃO, DIGITAÇÃO E CORREÇÃO GRAMATICAL

Holean Costa

REVISÃO TÉCNICA

Yehonatan Elazar-DeMota (Hakham)

EDIÇÃO

Holean Costa

Yehonatan Elazar-DeMota

CAPA

Holean Costa



www.obadyah.com

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, sem a autorização expressa dos editores.

2017

PREFÁCIO

O ḥakham Daniel Cohen d’Azevedo foi um dos mais genuínos representantes do judaísmo sefardi ocidental nos séculos XVIII e XIX. Foi rabino na congregação hispano-portuguesa de Amsterdã, de onde emana boa parte do que se conservou de nossa tradição.

A Obadyah Alliance aprovou este livro, reconhecendo o valor da obra e do pensamento do autor, que explica, de modo magistral, como se davam as guerras antigas. Elucida também que Deus, que nos tirou do Egito e nos deu como herança a terra prometida a nossos pais, conservou as sete nações idólatras que habitavam aquela terra para o treinamento militar do recém-formado povo israelita, que estava a formar, naquele momento, o seu Estado. Seu sermão, apesar de proferido há mais de dois séculos, continua a ser esclarecedor. É nosso desejo que, através desta obra, a Nação seja fortalecida na Torá e em seus preceitos.

Yehonatan Elazar-DeMota

Presidente da Obadyah Alliance

OBSERVAÇÕES DO EDITOR

O sermão do ḥakham Daniel Cohen d’Azevedo virou um livreto, sendo publicado em português ainda no século XIX. Em razão disso, não se necessitou uma tradução ao português, apenas uma adaptação ao idioma atual.

Algumas modificações foram necessárias para dar melhor clareza e compreensão ao leitor. Entre essas, citamos a divisão dos parágrafos, que eram muito longos no original. As citações em hebraico foram mantidas como na primeira edição e a todas elas, ainda que não contassem traduções na primeira publicação, foram acrescentadas traduções ao português. Algumas notas explicativas foram também acrescentadas.

No livreto do século XIX, o ḥakham usou alguns termos hebraicos modificados como ‘Elodim (trocando a letra hebraica hey por daleth) e, ao citar o tetragrama, substituiu-o pelo hey com apóstrofo, com o objetivo de que os nomes não fossem profanados. Tal recurso foi mantido nesta edição.

Alguns erros cometidos pelos editores e confessados ao final da publicação de 1809 foram retificados.

O sermão do ḥakham Daniel Cohen d’Azevedo é muito esclarecedor, respondendo a todos aqueles que se perguntam o porquê de ter Deus permitido que os israelitas guerreassem.

Holean Costa

SERMÃO HEROICO

Pregado neste Qahal Qadosh de Talmud Torá em Shabbath `Egeb,
à hora da oração da tarde, no ano de 5569

PELO

ḤAKHAM HARAB MORENU VERABENU
DANIEL HACHOHEN d'AZEVEDO

למען דעת דרות בני ישראל ללמדם מלחמה שופטים ג', ב'

מי האיש הירא ורך הלבב רבי יוסי הגלילי אומר הירא ורך הלבב זהו המתירא מן העברות שבידו
משנה סוטה ח:

“Para que saibam as gerações dos filhos de Israel, para lhes ensinar a guerra”

Shofetim/Juízes III, 2

“‘Quem é o homem medroso e tímido de coração?’ Responde o sábio Rabino Yossê
haGuelili: ‘É aquele que teme pelos pecados que tenha cometido.’”

Mishná Sotá, VIII, 5

Já estais cientes do que disse sábado passado, meus senhores. Já estais cientes do que disse sábado passado sobre o nosso benéfico rei haver ordenado e decretado que se formasse dentro deste seu reino uma legião ou um corpo de tropas de israelitas, independente e separado das demais tropas de seu exército; e que essa legião ou corpo formaria dois batalhões, tendo cada batalhão oitocentos e três homens, entre comuns e superiores, divididos em oito companhias, dos quais dois batalhões formariam um regimento. Estais também informados que os primeiros ministros eclesiásticos da nossa santa religião estão encarregados, por cartas que receberam, escritas e assinadas por Sua Excelência o Ministro de Cultos e Relações Interiores, de, segundo a vontade de Sua Majestade, deverem pregar das cadeiras nos púlpitos essa sua real resolução e, com palavras doces e razões convincentes, animar o povo a cumprir o alto intento de nosso monarca.

Antes de eu entrar agora no cumprimento do meu dever, a seguinte introdução serve para que eu possa fundamentar o discurso sobre ela.

O texto que tomei por tema ensina-nos que interessa ao próprio Deus que os israelitas instruíam-se na arte militar, pois vemos que diversas nações pagãs, ainda que objeto de Sua indignação e ira, foram toleradas por Ele, não para outro fim além de que os israelitas capacitam-se nessa arte.

Para vos dar um vasto conhecimento da maneira que se governavam as guerras de então, ou seja, no tempo que a monarquia judaica estava em seu esplendor.

Era uma das incumbências postas a cargo do rei: declarar guerras, quando as achava necessárias.

De duas ou três maneiras distinguia-se essa necessidade. Uma por ser assim a ordem divina e as outras pela vontade do rei, julgando-as precisas. A primeira chamava-se מלחמת חובה, isto é, *guerra obrigatória*, e se entende pela das sete nações idólatras, ou também por qualquer outra nação que, aleivosamente, intentava inquietá-los. A outra se chamava מלחמת רשות, isto é, *guerra arbitrária*, e compreende tanto a guerra que se fazia por glória da coroa quanto para estender os limites do território do reino.

Da mesma maneira que diferiam essas guerras em suas origens, diferiam também em seus ritos e regras. Já me explico. As guerras obrigatórias eram declaradas pelo rei, sem necessitar a aprovação do Senado Grande¹, que consistia de setenta e um membros. Além disso, nesses tipos de guerras, ninguém podia se escusar, pois o dever do rei era de obrigar todos que julgava apto para o combate a cingir as armas e a sair para o campo de batalha. Uns saíam na qualidade de coronéis, outros como oficiais e, finalmente, todos os demais como soldados rasos, ficando livres somente os tímidos e medrosos em termos de guerra.

As guerras da segunda natureza, na qual entram também as que se faziam a qualquer soberano apenas por suspeita ou receio de que lhes viesse atacar, não podiam ser empreendidas pelo rei sem o consentimento e a aprovação do Senado. Nestas, podiam se escusar os referidos conforme o texto de Deuteronomio XX, 5-7; fora o verso 8, que era regular em todas as guerras. Mas, apesar de ficarem dispensados de entrar em linha de batalha, eram obrigados alguns a proverem todo

¹ Sanhedrin ou Sinédrio. (N. do E.)

o necessário a seus irmãos litigantes, ficando outros livres em absoluto. Diferiam também estas das primeiras, porque naquelas se podia fazer o primeiro ataque ainda no santo dia de Sábado, e nestas devia ser pelo menos três dias antes disso. Mas, depois de saídos ao campo de batalha e haver dado princípio ao combate, concorriam todas em igualdade naquelas licenças e permissões concedidas nos exércitos.

Para eu formar agora o assunto para a minha prédica, entro a investigar essas guerras que se frequentam na nossa situação presente, entre os soberanos dos quais temos a honra de sermos fieis súditos. Sob que título havemos de considerá-las nós, os israelitas? Não falo em ocasião de última necessidade e urgência, como estando o inimigo prestes a investir as nossas habitações, pois, em ocasiões similares, está claro que nos é permitido ou, para melhor dizer, ordenado pela santa Lei que professamos que, em todos os tempos e sem o menor escrúpulo de religião, devemos nos defender, assistidos dos nossos habitantes à força de braço, ferro e fogo, por ser esta sorte de ataque considerada em ditame talmúdico e, do mesmo modo, adotada pelo famoso Maimônides como as anteriores guerras chamadas de מלחמת חובה, guerras de obrigação.

O que pretendo investigar é: na ocasião em que o perigo não está tão perto, e em certa consideração são guerras arbitrárias, se as consideraremos como as guerras arbitrárias daquele tempo, que, pela ordem do rei e aprovação do Senado, devíamos sair ao campo de batalha, lugar onde tantas licenças e permissões são concedidas ou não, e isso formará o primeiro ponto da minha pregação. Depois de haver provado que o mesmo dever ocorre-nos como então, acusarei a causa de muitos que se espantam de pegar as armas, motivados de terror e pânico, que lhes causa o aspecto da guerra, e mostrarei que, depois de tirada a causa do receio, não há mais razão para o medo, nem motivo para o temor, e isso comporá o segundo ponto da pregação. E, para o acerto do sermão e de suas partes, imploro os auxílios divinos dizendo como David:

פניך האר בעבדיך ולמדני את חקיך

“Faz sobre Teu servo resplandecer Teu rosto, e ensina-me Teus estatutos.”

Tehilim/Salmos CXIX, 135

I.

Entro no primeiro ponto ponderando em que se fundamentava o Senado ao permitir os israelitas empreenderem as guerras que não eram de obrigação – tipo מלחמת חובה -, quando nas batalhas se fazem tantas infrações (se bem que permitidas) à religião? Os fundamentos sobre os quais se baseavam a aprovação do Senado eram vários, vastos e sólidos. A possessão que os israelitas tinham das mesmas terras, os devotíssimos impulsos que lhes inspirava o seu rei e a franca religião que podiam professar nelas eram as mais notáveis circunstâncias, que, constatando o Senado que qualquer potência dava a mínima mostra de querer as estorvar e inquietar concedia sua ampla aprovação ao rei para declarar a guerra e tomar satisfação, fosse de sua coroa ou da pátria, ou dos súditos, porque não sendo assim, estavam em risco o rei, a pátria e mesmo a religião.

Ao ouvir David sobre a morte do rei dos amonitas, mandou seus vassallos darem condolências de sua parte a Hanun, filho do morto e herdeiro da coroa. A recepção que tiveram foi tão injuriosa quanto afrontosa. No momento que entraram na corte do novo aclamado rei e desempenharam sua missão, o agradecimento que receberam foi serem feito de ridículos, sendo enviados de volta com metade da barba e com a maior parte de suas vestes cortadas. David, ao ser avisado disso, enviou-lhes novas roupas e ordenou-lhes que se detivessem na cidade de Jericó, até que suas barbas voltassem a crescer. Em resposta à injúria, David juntou suas tropas, dividindo-as em dois exércitos: um sob o comando do seu generalíssimo Yo'ab e outro sob as ordens do general 'Abshay, irmão de Yo'ab. Estando prontos para iniciar a batalha, antes de começar o ataque, disse Yo'ab a 'Abishay estas formais palavras:

**חזק ונתחזק בעד עמינו ובעד ערי אלדינו זה
יעשה הטוב בעיניו:**

“Esforça-te e esforcemo-nos pelo nosso povo e pelas cidades do nosso povo e pelas cidades do nosso Deus, e que o Eterno faça o que parecer bem aos Seus olhos!”

A expressão ערי אלדינו refere-se à religião professada na região, que ficasse livre de toda controvérsia. De onde consta que, por ultraje, por defesa da pátria ou por respeito da religião é obrigação expor tudo, até mesmo a vida.

Eis aqui o que fazia, naquela época, inescusável a guerra e considerada uma obrigação מלחמת חובה, supondo que, na realidade, não fosse.

Combinando eu agora, meus senhores, combinando eu agora a nunca vista igualdade com que nos reconhece nosso rei na regra de todos seus outros súditos, as imensas honras e benefícios com que nos tem dotado esse nosso benéfico monarca, nivelando-nos sem a mínima exceção dos demais súditos, condecorando-nos, súditos israelitas, com honras e dignidades, tendo mesmo condecorado com a Ordem da União um dos digníssimos membros de nossa comunidade, digo o ilustre senhor Imanuel Capadose, famoso médico e amigo meu, que a bondade do rei de próprio impulso, reconhecendo os méritos desse membro, nomeou-o, imediatamente na sua assembleia, cavaleiro da sua ordem. Que admiração não inspira semelhante condecoração toda nossa congregação? E que glória para o augusto rei, que desse modo tem premiado as raras virtudes e excelentes ciências desse ilustre membro condecorado? Não falo dos méritos pessoais, muito gloriosamente reconhecidos por nosso amado rei, que elegeu esse ilustre membro como um dos seus médicos. Não falo de tê-lo nomeado oficial de sua casa real, por serem esses privilégios exclusivos e privativos. Só falo desses do quais a honra resulta para toda a congregação. Passo em silêncio as dignidades e os honoríficos cargos com que tem ilustrado a outros bem merecidos israelitas, deixando nesse ponto a descrição do rabino, meu colega, a quem isso pertence.

Ao refletir sobre tudo isso, e mais ainda sobre a grande e excessiva liberdade que em todo tempo temos para o exercício de nossa sagrada religião, devotos costumes e cerimônias no reino, sob nosso benigno e reto monarca; acho, visivelmente, que as mesmas circunstâncias que motivavam o Senado, de constituirmos por preceito e impor aos israelitas a obrigação de pegarem nas armas e saírem ao campo nas guerras que necessitavam de sua aprovação e consentimento no passado. Também nos constituiu o mesmo preceito e nos impôs a mesma obrigação o mesmo Senado, caso exista no presente no reino de nosso benigno e reto monarca. A razão é esta: se no passado eram os israelitas possuidores das suas terras, que lhes obrigava defender a pátria; nós também devemos defender a nossa, pela porção que temos nela, igual aos demais

habitantes, que enchem os domínios deste reino. Se no passado era obrigação pegar nas armas e sair à batalha, para defender a nossa santa religião, divinos costumes e cerimônias, que com tanta franqueza e liberdade se observava e se celebrava na monarquia israelita; impõe-se a mesma obrigação de pegar nas armas e sair à guerra, quando a urgência o requer e o pede, pois essa mesma religião, culto e cerimônias observamos e celebramos com tanta liberdade e franqueza no governo e auspício do nosso benévolo rei. E se Yirmiyahu recomendou aos israelitas de sua era que vigiassem e pedissem a tranquilidade da soberba Babilônia, governada pelo desumano e cruel Nebukhadne'sar, que pretendeu impedir os israelitas cativos do seu império de observarem a sua sagrada Lei e seu divino culto:

וּדְרָשׁוּ אֶת שְׁלוֹם הָעִיר אֲשֶׁר הִגַּלְתִּי אֶתְכֶם שָׁמָּה וְהִתְפַּלְלוּ בְעֵדָה אֵל ה' כִּי בִשְׁלוֹמָה יִהְיֶה לְכֶם שְׁלוֹם:

“Buscai promover a paz da cidade para onde vos exilei e rezai por ela ao Eterno, pois em sua paz tereis paz.”

Yirmiyahu/Jeremias XXIX, 7

com quanta e maior razão não devemos nos apresentar para o serviço militar, a fim de defender o nosso reino em ocasião de necessidade de todo inesperado ataque? Como e com quanta e maior razão não devemos vigiar e orar pela tranquilidade deste justo reino e defendê-lo à força de armas de todo susto e sobressalto? Como não devemos nos expor a tudo para assegurar a sua estabilidade e firmeza, sendo governado por um monarca piedoso e reto que é o nosso benévolo rei, que, em vez de nos impedir de observarmos a nossa santa religião, declarou, prometeu e deu a sua real e imutável palavra e, do mesmo modo, ordenou e impôs como uma irrevogável lei a todos os oficiais militares de nos concederem a ampla liberdade de exercício de nossa santa religião, divinos cultos e cerimônias, sem nos foçar e alterar o mínimo ponto de nossa obrigação e dever, em toda sorte de ocasião e tempo, a menos que o perigo esteja tão perto que nos faça inescusável a defesa. E como a palavra do rei jamais faltou, nem pode faltar, digo, aconselho e animo-vos: ide e apresentai-vos de espontânea vontade para o serviço militar, e conformai-vos

com a vontade de nosso benigno rei, que, por honra e glória vossa, pretende formar dos israelitas um corpo militar de dois batalhões; cada batalhão de oito companhias, que os dois façam um regimento, não vos incorporando nos demais corpos do exército, senão um corpo à parte. Buscai, pois, o necessário para vos capacitardes neste honorífico e indispensável emprego do manejo das armas; fazei todo vosso possível para conhecer a teoria e a prática, sendo tão necessárias à sua aplicação, pois Deus tolerou as seitas idólatras e pagãs das sete nações na Judeia, para que os israelitas daquela época se capacitassem na gloriosa disciplina militar. Assim afirma o nosso tema:

למען דעת דרות בני ישראל ללמדם מלחמה

“Para que as novas gerações dos filhos de Israel soubessem e delas aprendessem a guerrear.”

Shofetim/Juízes III, 2

II.

O segundo ponto era dissipar aquele pânico que intimida tanto de pegar nas armas quanto de sair à guerra.

Esse terror é tão frequente nos nossos no presente quanto era frequente nos nossos no passado, conforme consta no texto:

מִי־הַאִישׁ הִירָא וּרְךְ הַלֵּבֵב יֵלֶךְ וַיֵּשֶׁב לְבֵיתוֹ וְלֹא יִמַּס אֶת־לֵבֵב אַחִיו כְּלָבָבוֹ:

“Que o homem medroso e mole de coração ande e volte à sua casa, e não derreta o coração de seus irmãos, como o seu coração.”

Debarim/Deuteronômio XX, 8

Isto é, nas antigas guerras, antes de começar o ataque, subia o Ministro da Guerra e também sacerdote a um lugar elevado e, entre outras coisas, apregoava: “Que o homem medroso e mole de coração ande e volte à sua casa, e não derreta o coração de seus irmãos, como o seu coração.”

Bem, mas pergunto: De que vos parece, senhores, nascer e crescer o medo interno? Consultai o sábio galileu², autor do nosso aforisma, que diz sobre a causa:

זה המתירא מן העבירות שבידו

“Os pecados são a causa e a origem que fazem intimidar os homens.”

É o pecado que destitui o homem, ó ser humano, fazendo-o temeroso e tímido e o convertendo em bruto, como consta na ação de Nebukhadne’sar, sendo bruto; e que se faz com brutos na batalha quando se carecem nela homens, os mais valorosos, perspicazes e argutos? E, quando ao homem mesmo não convém a sua timidez, anda sempre desterrado dentro de si mesmo, porque não pode o pecador viver dentro de si, anda sempre fora de si, buscando a quietação e o descanso que na própria consciência não acha; é como Qayim, que com o pensamento sempre vacilando, nunca pôde ficar de estada em um lugar:

נע ונד תהיה בארץ

“Errante e fugitivo serás na terra.”

Bere’shith/Gênesis IV, 12

Andava fora de si, buscando sossego, pois era incapaz dentro de si, devido ao timento. De maneira que, estando sempre fora de si, sem poder remediar a si próprio, como poderá se expor dentro do exército, para remediar os outros?

Além do alegado, digo a razão do texto permitir que o tímido ausente-se da batalha, que segundo dizemos fala do pecador, é porque o que se expõe à guerra deve ter olhos de lince, para saber e poder acertar o tiro e não há coisa que cega

² Yossê haGuelili, sábio judeu do primeiro e segundo séculos da Era Comum. Foi um dos Tanaim, rabinos cujos trabalhos foram compilados na Mishná. (N. do E.)

mais o homem do que o pecado. Quem cega o mundo todo, como cegou o primeiro homem?

Deus criou 'Adam com os olhos tão bons que eram imagem Sua:

בצלם אלדים ברא אתו

“À imagem de Deus o criou.”

Bere'shith/Gênesis I, 27

Tinha visão tão aguda que era vigia e guardava o paraíso:

לעבדה ולשמרה

“Para o cultivar e guardá-lo”

Bere'shith/Gênesis II, 15

Pegou do fruto proibido, apertou-o na mão para o levar à boca, deu-lhe o suco nos olhos e ficou cego. Desgraça! Cegaram-se uns olhos tão formosos com o sumo de um fruto! Mas, ainda maior desgraça é que assim como ele ficou cego ao comer do fruto do pecado, todos nós também cegamos, sempre que provamos o sumo do mesmo fruto. Logo, se o pecador criminal não é nada além de uma estátua sem visão, como acertará o tiro no inimigo, sem olhos de Argos³? Claro está que os que se necessitam na guerra, para acertar o tiro com sucesso, são homens valorosos, religiosos e de toda virtude, porque a esses concede Deus visão dobrada, quando priva a única visão dos covardes pecadores. Estai comigo para a prova.

Bloqueada a cidade de Dotan, por se achar nela 'Elishá', com um formidável exército do rei Aram, para prender o profeta e transportá-lo à capital da Armênia, a fim de lhe apresentar ao conselho de guerra e o sentenciar como espião, por haver várias vezes descoberto o plano elaborado pelo rei de Aram e seus conselheiros,

³ Na mitologia grega, Argos é um gigante com cem olhos que foi incumbido por Hera para tomar conta de Io, uma princesa e amante de Zeus que foi transformada em novilha. Quando Argos dormia, ele mantinha cinquenta olhos abertos, por isso ele é considerado o símbolo da vigilância. Zeus, por ainda gostar de Io, mandou Hermes libertá-la. Então, Hermes fez Argos dormir e cortou sua cabeça. Hera homenageou Argos, em reconhecimento por suas tarefas cumpridas, transformando-o em pavão, sua ave sagrada, e na cauda colocou seus cem olhos. (N. do E.)

onde fariam o primeiro ataque para investir contra a Judeia. Conforme diz o texto sagrado, ao sair de madrugada, o servidor de 'Elishá', voltou à casa e, tomado de susto, disse a seu amo: "Ai meu senhor, o que faremos?"⁴. Viu umas tropas enormes que cercaram a cidade para obrigar aos moradores que o entregassem em seu poder. Respondeu o profeta: "Não temas, porque são mais os que estão conosco do que os que estão com eles."⁵ 'Elishá' orou a Deus que lhe abrisse os olhos intelectivos e logo o moço percebeu o exército sobrenatural que estava postado no monte, em torno de 'Elishá'. Enfim, entrou o exército armênico na cidade e foi em busca de 'Elishá'. Ao vê-los, o profeta pediu a Deus que lhes privasse a visão intelectual dos do exército e, no mesmo instante, ficaram cegos. Tão grave foi sua distração que 'Elishá', a quem buscavam transportar à cidade do rei de Aram, foi quem os guiou à capital de Israel. Eis aqui como Deus dá aos homens valorosos, religiosos e puros, perspicácia nas guerras para assisti-los, como consta no sucesso de 'Elishá' e de seu moço. Aos covardes, ímpios e impuros, Deus destitui dos sentidos orgânicos e intelectivos, para lhes fazer errar na guerra, como consta sobre os soldados da Armênia.

Desta sorte de militares israelitas é que pretende o nosso benéfico e devoto rei formar um corpo de tropas ou dois batalhões que fazem um regimento. Não os quer incorporar na massa de seu exército, mas pretende deixá-los num corpo independente, a fim de lhes conceder o livre poder de observar os ritos de sua santa religião e seu divino culto. Do mesmo modo, consta na sua imutável palavra real que, estando em guarnição, não haverá pessoa que os persuada, e menos que lhes obrigue em nenhuma ocasião e tempo, exceto em tempo do maior perigo e na ocasião mais urgente, a fazer a menor coisa que altere o menor ponto de sua religião; porque pretende que todos os seus súditos, em igualdade, observem em toda ocasião a religião na qual nasceram, pois só esses, e outros não, são os que triunfarão nas batalhas.

Visto, pois, o devoto intento de nosso benéfico rei, não nos resta o menor escrúpulo que, com razão, possa nos deter de cumprir o escopo de sua vontade. Capacitemo-nos, senhores, na arte militar e, em tempo de necessidade, peguemos nas armas e sejamos briosos e virtuosos no campo de batalha, para defender a nossa religião e a pátria na qual vivemos. Consideremos em todo tempo que a

⁴ Melakhim Beth/2 Reis VI, 15.

⁵ Melakhim Beth/2 Reis VI, 16.

salvação do triunfo só está no poder de Deus, não na força dos homens e no valor das armas:

סוס מוכן ליום מלחמה ולה' התשועה:

“O cavalo é preparado para o dia da batalha, mas a vitória pertence ao Eterno.”

Mishlê/Provérbios XXI, 31

Por mais numeroso que seja o inimigo que temos que combater, fixando nossa confiança unicamente em Deus, nada temos a temer.

אלה ברכב ואלה בסוסים ואנחנו בשם־ה' אלדינו נזכיר:

“Alguns confiam em carros, outros em cavalos, mas nós, somente no Nome do Eterno, nosso Deus.”

Tehilim/Salmos XX, 8

Porque estas são as verdadeiras armas, que destroem o mais formidável exército e concedem o laurel da vitória.

המה כרעו ונפלו ואנחנו קמנו ונתעודד:

“Aqueles caem e sucumbem, mas nós nos erguemos e nos revigoramos.”

Tehilim/Salmos XX, 9

Que armas acompanharam David, além da confiança, quando derrotou Goliath e arruinou o exército dos filisteus?

**אתה בא אלי בחרב ובחנית ובכידון ואנכי בא־
אליך בשם ה' צבאות אלהי מערכות ישראל
אשר חרפת:**

“Tu vens a mim com espada, lança e dardo, porém eu venho a ti em Nome do Eterno dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, que tu afrontaste.”

Shemu'el 'Alef/1 Samuel XVII, 45

Que armas prostraram por terra cento e quarenta e cinco mil valorosos assírios, senão as ardentes orações que Hizqiyahu invocou a Deus, que o salvou?

**וישלח ישעיהו בן־אמוץ אל־חזקיהו לאמר
כה־אמר ה' אלהי ישראל אשר התפללת אלי
אל־סנחרב מלך־אשור שמעתי:**

“E Isaías ben 'Amoş mandou a Hizqiyahu esta resposta: ‘Assim disse o Eterno, o Deus de Israel: Ouvei o que me pediste referente a Senaqueribe, o rei da Assíria.”

Melakhim Beth/2 Reis XIX, 20

Quem desfez o formidável exército de um milhão de soldados em regulares tropas de Zerah, rei da Etiópia, que vinham travar batalha contra Assá, rei de Yehudá, outro que a devota oração fez a Deus, na qual declarou em público que só se confiava na salvação divina e com esta confiança saia ao combate?

**ויקרא אסא אל־ה' אלהיו ויאמר ה' אין־עמך
לעזור בין רב לאין כח עזרנו ה' אלדינו כי־עליך
נשענו ובשמך באנו על־ההמון הזה**

“E Assá clamou ao Eterno, seu Deus, e disse: ‘Ó Eterno! Não há diferença para Ti em ajudar tanto ao numeroso quanto ao fraco. Ajuda-nos, pois, ó Eterno, nosso Deus, porque em Ti confiamos, e em Teu nome viemos contra esta multidão.”

Dibrê haYamim Beth/2 Crônicas XIV, 10

De tudo isto consta que, saindo à guerra com esses devotos impulsos, não há força que aterrorize, nem número que faça desmaiar, e, desta sorte de campeões é que pretende nosso benéfico rei formar um corpo de tropas de israelitas, pois, com esse intento, prometeu com sua imutável palavra real que, em todo o tempo e ocasião, não haverá pessoa que os inquiete no culto e não haverá sujeito que os obrigue a exceder o mínimo ponto da religião. Ora, por esse tipo de homens que se achavam no passado – e bem creio que se acharão também no presente – tolerou Deus parte das nações ainda que as mais abomináveis, afundadas em idolatria e paganismo, a fim de que, por essa causa, aplicassem-se com força e vigor na arte militar. Assim se refere ao tema, dizendo:

למען דעת דרות בני ישראל ללמדם מלחמה

“Para que as novas gerações dos filhos de Israel soubessem e delas aprendessem a guerrear.”

Shofetim/Juízes III, 2.

Senhores meus, findo o sermão. Do que vos aleguei no primeiro ponto, estareis cientes e convencidos que a permissão que o Senado concedia aos israelitas daquela época para pegar as armas e sair à guerra quando o rei de Israel achava necessário, também o mesmo Senado, caso existisse, conceder-nos-ia a mesma permissão, sendo que o nosso benigno rei o julga necessário. Tanto em ordem que os eventos temporais assim o pedem quanto em ordem de abrir uma nova carreira honorífica e gloriosa, na qual ache o ócio emprego para sua ociosidade e o mendigo remédio para sua pobreza; e sendo que não há coisa no mundo que não tenha sua parelha:

אין כל-חדש תחת השמש

“Nada há de novo sob o sol.”

Qoheleth/Eclesiastes I, 9

não vos pareça nova esta resolução de nosso rei, porque, em ditame talmúdico, também a havia tomado o rei David. Por que vindo os sábios de Israel a lhe dizer

que o estado dos israelitas estava pobre e decadente, o rei respondeu-lhes que fossem à guerra.

אמרו לו אדונינו המלך עמר ישראל צריכין פרנסה וכו' אמר להם לכו ופשטו ידכם בגדוד וכו

“Disseram a ele: ‘Nosso rei, teu povo Israel necessita sustento’ [...] Disse-lhes: ‘Adiante e estendam suas mãos em batalha.’”

Talmud Babli, Berakhoth 3b

Quem pode haver que, com razão, possa contrariar tão glorioso e benévolo intento? A única razão em que poderão fundamentar as escusas seria na da religião, e como esta absolutamente não existe, sendo que todos os corpos do exército que estão em serviço de nosso benévolo rei estão ordenados que se não possa inquirir ou pretender do israelita militar coisa alguma que altere, repugne e contrarie sua religião, que com este intento formou deles um corpo separado e não os amalgamou com os demais corpos de suas tropas; não pode valer e existir a maior escusa fundada na religião.

Atentai, pois, senhores, atentai, que na palavra do nosso rei – que é inviolável, imutável, jamais faltou e nunca faltará – confio e devemos confiar todos. Andai, pois, solícitos e sacai da potência o ato, o generoso e honroso escopo do nosso benévolo rei. Caminhai com a maior velocidade possível e vos prestai por membros da organização de tão glorioso corpo. Valei-vos de uma ocasião que nunca se viu igual e vos aproveitai dela. Capacitai-vos no manejo das armas, na arte militar e em tudo que pertence a esses, para vos fazerdes dignos e merecedores deste novo alto emprego com que vos tem honrado Sua Majestade. Mas, no momento que haveis de sair ao combate, levai sempre na memória o segundo ponto da nossa oração, porque o seu assunto tira e dissipa todo receio e temor do aspecto da guerra. Sede atentos em observar os pontos de nossa santa religião e de nosso divino culto, como aquele grande Deus vos tem ordenado e nosso benéfico e reto monarca vos recomenda. Não percais da mente, ainda por um só instante, que em Deus, que todos cremos, está a salvação do homem, não nas armas com que se combate

contra o inimigo. Sabei que estes impulsos e considerações são couraças tão fortes e duras que não haverá ferro que contra vós possa, nem flecha que contra vós sirva e nem bala que contra vós preste. Sereis daqueles, por quem afirma o texto, que cinco poderão contra cem e cem poderão contra milhares:

וּרְדְּפוּ מִכֶּם חֲמִשָּׁה מֵאָה וּמֵאָה מִכֶּם רַבְבָּה יִרְדְּפוּ

“E perseguirão cinco de vós a um cento deles, e cem de vós a dez mil.”

Levítico XXVI, 8

Por mais numeroso que seja o exército que combateis, haveis de rendê-lo sob a bandeira do nosso monarca:

וּנְפְלוּ אִיבֵיכֶם לְפָנֵיכֶם לַחֲרָב:

“E cairão os vossos inimigos à espada, entre si, diante de vós.”

Levítico XXVI, 8

Senhores meus! Justos e fortes motivos me impelem a invocar e solicitar do grande Deus as maiores graças e os mais sublimes auxílios para o magnânimo rei nosso. O público reconhecimento com que todos nós admiramos os soberanos dons da natureza, os imensos dotes da virtude e a discreta disposição em Sua Majestade Real, que engrandecem e exaltam o sublime e fecundo gênio de Sua Majestade Real. Os benéficos favores e mercês de que nós, os israelitas, somos devedores em todas as ocasiões e, principalmente, nesta a nosso rei, como firme coluna desta monarquia e verdadeiro e carinhoso pai de seu povo; além do emprego com que, por meio de Sua Excelência o Ministro do Culto e Relações interiores, tem-me condecorado, fazendo minha doutrina e cuidado a recomendação severa no nosso púlpito de que todos cooperem para alcançar o escopo do rei, nosso senhor, nesta tão urgente ocasião. São incentivos poderosos que nos impelem a invocar a Deus por sua estabilidade e bem-estar.

Levantemos, pois, os nossos olhos ao céu e, com o coração perfeito, acompanhai-me na seguinte oração:

Piedoso Deus! Abri e soltai as torrentes mananciais de Vossa beneficência e derramai, segundo Vossa magnanimidade, as mais abundantes e excelentes bênçãos sobre a cabeça do nosso benévolo rei Napoleão Luís⁶. Continuai e conservai sua saúde no mais alto grau de conservação. Concedei-lhe, Senhor, o uso das potências necessárias, para segundo seu próprio e manifesto anelo, empregá-las no progresso e no avanço dos seus súditos, com firmeza e sem interrupção. Fortificai a sua organização interna e externa. Ilustrei-o da mais eminente honra e glória no seu reino. Tomai-o sob as asas de Vossa particular proteção e que os Vossos contínuos dons e seguidas bênçãos nunca se alienem de sua real pessoa e de sua ilustre casa. Finalmente, que todos seus desvelos e infatigáveis cuidados e excessiva atividade respondam ao fim de seu benéfico intento, que é a salvação e integridade de seu reino, a pública tranquilidade e felicidade de seus súditos.

Enchei, Senhor, de Vossa beneficência os altos Ministros do Reino e os demais membros do governo, influenciando-lhes da requerida ciência para sustentar tamanhos empregos com dignidade, honra e acerto, para o salvamento do reino. Concedei, Senhor, Vossa benevolência à Sua Excelência o Burgomestre deste local, enchendo-o e aos mais do magistrado desta capital com tudo aquilo que possa contribuir para a felicidade.

Dotai finalmente, piedoso Deus, de Vosso infinito amor e patrocínio as ilustres cabeças regentes parnassim de nossa esclarecida comunidade israelita lusitana! Remunerai-os, Senhor, com largueza de todas as sortes de prosperidades e aumentos, em recompensa de seu assíduo trabalho e fadiga com que solicitam a glória e a honra de nossa congregação! Dilatai seus anos, e os de todos os senhores velhos da congregação com todos os membros da sinagoga, com a afluência dos maiores bens e felicidades e com abundância de bênçãos. Vejamos aparecer em breve no nosso horizonte o radiante sol da bendita paz geral, convertendo-se as armas inimigas do racional vivente em instrumentos de conservação da humanidade, afirmando-se o vaticínio do profeta Yesha`yahu, que diz o seguinte:

⁶ No texto original, consta como “Lodovico Napoleon”, Luís II da Holanda. (N. do E.)

וכתתו חרבותם לאתים וחניתותיהם למזרות לא־ישא גוי אל־גוי חרב ולא־ילמדו עוד מלחמה:

“Converterão então suas espadas em arados e suas lanças em foices. E cada nação não levantará contra outra sua espada, e não mais aprenderão a arte da guerra.”

Yesha`yahu/Isaías II, 4

Que possamos ver essa graça em breve! Amém!

דניאל כהן ד' אזיבידו



Ḥakham Daniel Cohen d'Azevedo, a"ḥ, nasceu em Amsterdã, Holanda, aproximadamente em 1746. Filho e sucessor do ḥakham David Cohen d'Azevedo. Foi apontado em 1792 como rabino-chefe da sinagoga portuguesa de Amsterdã. É o autor de "Sermão Heroico", sermão encomiástico pregado no Qahal Qadosh Talmud Torá em Amsterdã, em 1809. Faleceu em Amsterdã, em 1822.